



CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA E LÓGICAS INTERACIONAIS: OBSERVAÇÕES A PARTIR DA FANPAGE ‘AJUDAR O POVO DE HUMANAS A FAZER MIÇANGA’

Manuela Callou¹
Manoella Neves²

Resumo: Este texto registra os movimentos iniciais para aprofundamento em estudos posteriores, de modo que ele se apresenta como um ensaio sobre a questão das lógicas de interação em rede social digital, mais especificamente no Facebook. As lógicas de mediação apresentam em seu processo certos padrões e permanências assim como de rupturas e dispersões. No espaço entre o processo de oferta da produção e o reconhecimento da recepção, constitui-se a circulação. A partir desta compreensão foram feitas algumas observações de uma fanpage cujo conteúdo é de humor deprimido onde se publicam fracassos e dificuldades da vida, indo de encontro à lógica imperativa no espaço desta rede social, a saber, a da vaidade.

Palavras-chave: Circulação. Interação. Facebook. Humor. Vaidade

Outros olhares para o Facebook: "Ajudar o povo de humanas a fazer miçangas"

O fenômeno da interação através dos sites de redes sociais, como o Facebook, alcança cada vez mais novos impactos nas conexões entre as pessoas nas redes. Esses impactos contemplam novas formas de sociabilidade, de proximidade entre os atores e de compartilhamento de ideias.

Nesse sentido, a página "Ajudar o povo de humanas a fazer miçangas" propõe uma ressignificação do espaço virtual ao mobilizar os atores em prol de assuntos relacionados aos fracassos e problemas cotidianos, utilizando o humor como uma estratégia que une os atores, indo de encontro ao fenômeno da vaidade, tão presente na prática das redes.

¹ Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas e vice coordenadora do curso de Relações Públicas. Possui graduação em Relações Públicas pela Universidade Católica de Pernambuco (2000), mestrado (2008) e doutorado (2010) em Jornalismo e Ciências da Comunicação na Universitat Autònoma de Barcelona.

² Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Aluna do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos - São Leopoldo-RS. Bolsista PRODEP/UFAL. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas (1999). E-mail: manoellaneves@hotmail.com

Com base nesse cenário, analisamos a fanpage "Ajudar o povo de humanas a fazer miçangas" a partir das lógicas interacionais, demonstrando algumas das publicações que obtiveram maiores compartilhamentos e curtidas. Novos olhares são intensificados, tomando por base a emergência do capital social na rede, a partir dos elementos de participação, legitimadores dos valores no processo de circulação intramediático.

A midiatização, assim, é consolidada a partir das práticas dos atores na rede, ressaltando a importância da apropriação dos processos sociais, através do espaço e das novas tecnologias que se configuram como novos aspectos interacionais, remetendo a uma singularidade no campo comunicacional.

Na fanpage foram observadas suas lógicas particulares a partir de suas postagens e interações de modo a conseguir pontuar as regularidades e as singularidades deste observável em sua complexidade, para tanto se buscou aproximar e tensionar com as lógicas predominantes no site da rede social onde se encontra e com perfis que seguem uma proposta parecida.

Sobre midiatização e circulação

A palavra “mediatização” pode ser relacionada a pelo menos dois âmbitos sociais. Um que trata processos sociais específicos que passam a se desenvolver (inteira e parcialmente) segundo a lógica da mídia, entendendo então a mediatização de instâncias como a da política, do entretenimento e da aprendizagem. Outro, em um nível macro, referindo-se à mediatização da própria sociedade. Nesse sentido, Braga (2006) propõe uma visão sobre mediatização como processo interacional em marcha acelerada para se tornar o processo de referência, acenando mais ajustadamente às reformulações sócio-tecnológicas de passagem dos processos mediáticos à condição de processualidade interacional de referência.

A expressão, em parte, decorre de considerarmos determinados processos como principais, tendencialmente prevaletentes. Os demais processos interacionais (que não sejam considerados ‘de referência’) teriam estes como parâmetro, se refeririam a eles como critérios de validade e definidores de lógicas centrais. Um processo interacional ‘de referência’, em um determinado âmbito, ‘dá tom’ aos processos subsumidos. Mas o fato de que um processo interacional se torne ‘de referência’ não corresponde a ‘anular’ outros processos, mas em funcionar como ‘organizador principal da sociedade’. Então, o autor

entende que os processos interacionais de referência são os principais direcionadores na construção da realidade social onde a sociedade constrói a realidade social por meio de processos interacionais pelos quais os indivíduos, grupos e setores da sociedade se relacionam.

Em um processo de mudanças, sobretudo a partir do século XX, nos encontramos atualmente entre a transição da escrita para a crescente mediatização de base tecnológica. Os modos segundo os quais a sociedade realiza, escolhe e direciona as possibilidades sociais, a partir dos processos de interação, constroem a realidade. Articulações complexas entre participantes da sociedade e o acervo diverso de dados constituem as interações sociais contemporâneas.

A sociedade contemporânea estaria em processo, em vias de mediatizar-se por completo, mas sendo evidenciadas algumas lacunas que caracterizariam o que o autor chama de expressão ‘incompletude’ deste processo, referindo-se a insuficiências interacionais dos processos mediatizados para elaborar modos consistentes e defensáveis da construção social da realidade vivida. A mediatização em processo e suas lógicas afetam as práticas sociais e os modos de interagir, sobretudo frente aos dispositivos interacionais.

Braga (2011) ensina que dispositivos de interação são espaços e formas de usar caracterizados pelas regras institucionais e pelas tecnologias ativadas, assim como pelas estratégias, pelas tentativas, por processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais. O autor aponta que tratar de ‘dispositivos’ permite incluir os processos que cercam a circulação midiática e os contextos significativos de produção e da apropriação e da ‘resposta social’ ou do reconhecimento dado a partir de tal produção.

E deste modo chega-se também a concepção de circulação. Quanto a esta, Fausto Neto explica que quando a técnica se interpôs entre produtor e receptor de mensagens, teorias funcionalistas a observaram como algo instalado na circulação. E este espaço entre produção e reconhecimento, que é a circulação, causa descontinuidade, rupturas no processo de interação. E

o que seria uma “disfunção” para o approach funcionalista é explicado por perspectivas teóricas da semiótica das operações discursivas como desarticulação produzidas pela ausência de convergência entre expectativas de produção e de recepção no trabalho da produção de sentido (2013, p. 47).

O conjunto de signos, linguagem, discursos, técnicas, tecnologias e meios de comunicação simbólicos formatam uma matriz que é empoderada a partir do processo social da transformação dos meios em dispositivos. Nesta transformação identifica-se uma diversidade de consumos, usos e tentativas de práticas e apropriações – que na esfera do signo é um processo de complexificação dos objetos, dos meios e do interpretante – na qual se verificam as disrupções na circulação com seu feixe de relações entre produção e recepção em circuitos e ambientes complexos. Se há deflexão, desarticulação entre lógicas há também a possibilidade de um exercício de conexões a partir de um movimento inicial dos sentidos e estímulos. Tal deflexão tem relação com o que Braga (2012) coloca como ‘fluxo adiante’ no qual o receptor, dado o contexto social midiaticizado, faz seguir as reações ao que recebeu, modificando ou não o ‘produto’ original.

Para Ferreira (2013), midiaticização é uma perspectiva epistemológica que deve pensar em termos de circulação e ensina que

Estudar a circulação é produzir inferências possíveis (questões e proposições) sobre os valores (des)construídos socialmente a partir de usos e práticas relacionáveis às interações com os dispositivos midiáticos, adotando como referência preliminar o campo observável constituído por materialidades difusas e distribuídas. Na perspectiva da inferência, os valores em jogo não são visíveis nem relacionáveis completamente. Sempre inferenciais, são provisórios e possíveis para o investigador, assim como o são os participantes do jogo comunicacional (FERREIRA, 2013, p.142).

Este autor diz ainda sobre circulação que ele infere, pelo campo observacional, que a circulação é uma problemática que se destaca entre os processos intermediáticos (entre dispositivos) e intramediático (no âmago do dispositivo). Ferreira (op.cit.) sugere que o objeto primeiro da circulação seja a interação entre dispositivos midiáticos, com suas diversidades e semelhanças.

Aqui neste texto, no entanto, são observados os modos de interação de uma fanpage com seus seguidores em comparação com as lógicas que imparam no macro ambiente do Facebook. Portanto uma observação intramediática, no âmago do dispositivo que sugere as disrupções e que ao mesmo tempo possibilitam uso e a transformação da relação, constituindo um tipo próprio de interação.

Dessa perspectiva, o que caracteriza a circulação no contexto da midiaticização seria, de um lado, a condição de uma “estrutura que une”, ao produzir acoplamentos de práticas tecnodiscursivas, ao mesmo tempo em que as poria em movimento (FAUSTO NETO, 2013, p.49).

Neste movimento ou no ‘fluxo adiante’ a página “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga” propõe uma resignificação de sentidos que circulam no Facebook, uma disrupção da página em relação a este macro ambiente. A lógica da mensagem e o destino que lhe foi dado a partir da fanpage, sua repercussão e o número de curtidas, trazem o aspecto surpresa - o sucesso da fanpage a partir de evidenciações de fracassos, não comuns nesta rede social digital.

Interações na rede e o surgimento de um capital social

As redes sociais digitais atentam a um espaço de interação entre atores que, através de perfis identitários, vislumbram novas formas de conexão entre eles. A criação de perfis, como a página "Ajudar o povo de humanas a fazer miçangas", proporciona o direito da "palavra-fala" pelos atores de interação, contemplando apropriações das redes pelos próprios sujeitos.

Com a apropriação das novas ferramentas, a interação mediada pelo computador transformou-se das ações verbais, da palavra, a todos os tipos de intercâmbios entre os sujeitos, augurando a participação e a legitimação do discurso nos sites de rede social. A rede de conversação que aflora na conexão das redes sociais estabelece relacionamentos e laços sociais, apropriando-se de novas ferramentas, como o uso de indicadores de oralidades, como "falar" no Facebook, a utilização de onomatopeias e emoticons, além dos elementos de sentidos construídos, como os hashtags (HERRING, 2010; DONATH, 1999; HONEYCUTT & HERRING, 2009 apud RECUERO, 2012).

As conversações em redes são caracterizadas dentro dessa perspectiva, a partir do momento em que quanto mais conectados estão os sujeitos, as mensagens se tornam mais visíveis, além de serem mais capazes de ser discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos atores. Portanto, essas conversações são tidas como amplas, públicas, síncronas ou principalmente assíncronas, que emergem das interações via Facebook (RECUERO, 2012).

No Facebook, quando alguns atores passam a discutir alguma coisa em uma postagem, mesmo que esta não seja pública, ela torna-se visível para os amigos dos debatedores (mesmo que não sejam amigos entre si ou que não estejam conectados ao autor da mensagem que iniciou a conversação). Trata-se, assim, de conversações que ou são públicas ou têm o potencial de serem. Do mesmo modo, porque permanecem nesses sites e são visíveis, essas interações são replicáveis por outros atores e buscáveis dentro das ferramentas digitais (RECUERO, op.cit., p.5).

E acrescentando a ideia de Recuero, são identificadas também a ‘dragagem’ de interações de outras mídias digitais para o Facebook. Os prints abaixo estão na fanpage e foram retirados do Twitter de perfis próximos da página. No exemplo, o lamento pelo mês de agosto ser considerado grande.

Quadro1: Prints do Twitter postados na página ‘Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga’



9Ariel
@arielfilipe

fim do ano é tipo:
agooooooooooooosto

set/out/nov/dez



9Ariel
@arielfilipe

separando uma brusinha
branca pra virada do ano de
agosto



luan vinicius lovato ✓
@luanlovato

to preso no mundo invertido
de stranger things é agosto o
nome



piranha do amor
@luscatc

tentando entrar em setembro



Fonte: fanpage “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga”.

São múltiplos os recursos de interação que a plataforma do Facebook permite aos autores, como as publicações nos murais, curtidas, chats, mensagens privadas, convites para eventos, criação de grupos públicos que possuem afinidades em comum, aplicativos, etc. No caso da página em estudo, como já foi dito, foi criada após o sucesso do evento fictício com o mesmo nome e de outro chamado: “Reciclagem dos papéis de trouxa que já fiz”, ambos criados por Dominique Vargas. Amigos e internautas acharam engraçado e sugeriram a criação da página.

Para Adriana Braga (2008), os comentários e postagens realizados no Facebook, como as identificadas acima, assumem o significado do que ela chama de thread que não só está relacionado a ser uma das formas mais comuns de interação na rede, mas que o conjunto desses comentários em uma mesma publicação resulta em uma interação entre os amigos no Facebook, tornando-os uma “possibilidade metodológica muito interessante” (BRAGA, 2008, p.101). Nesse conjunto de comentários, é viável constatar a existência de diálogos, intercâmbio de informações de várias formas, inclusive de multimídia, com respostas levando para outros perfis, links e vídeos – como pôde ser observado no quadro acima. Esse tipo de observação permite averiguar que tem entre os objetivos, o de manter as interações.

Para nosso trabalho, priorizamos as publicações nos murais, através dos comentários e curtidas, por desencadearem um processo de interação que consideramos fundamental, resultando na construção de valores e na legitimação desses valores entre os atores, com a emergência do capital social.

Para Bourdieu (2000), o capital social surge com a participação em um grupo, com a existência de relações de trocas materiais e simbólica, com o grau de institucionalização e, finalmente, com os recursos pertencentes a esse grupo. Para ele, participar de um grupo e construir uma rede de relacionamentos é um aspecto importante da construção de capital social. Os seguidores da página “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga” participam das postagens com comentários, compartilhamentos, respostas entre os sujeitos demonstrando a intenção de "sentimento de pertencimento" a esta comunidade, a partir da integração e interação entre eles.

Esses intercâmbios constituem o segundo recurso de capital social discutido por Bourdieu (2000), que acontecem voluntariamente, mas em última análise, transformam-se em laços duradouros, apoiados em direitos e reivindicações, como também em sentimentos subjetivos, como amizade, respeito, reconhecimento. Esses benefícios terminam sendo

construídos, baseados na solidariedade entre os participantes do grupo. No caso em estudo, observa-se o compartilhamento de um mesmo sentimento de tragédia da própria vida e de certa aceitação desta condição de viver.

Bourdieu (2001) acrescenta que os benefícios parecem estar associados aos indivíduos e principalmente às relações sociais estabelecidas entre eles, com relação às ações cotidianas, gerando aspectos que se destacam tanto na vida pessoal quanto nos grupos, que tem ideologia e interesses conexos. Na medida em que um grupo intercambia relacionamentos, será cada vez mais forte a criação de uma institucionalização entre eles, gerando um sentimento de "pertencimento" ou "identidade", promovendo o capital social. O compartilhamento de ideia e das postagens é propiciado pelo dispositivo e pelo ambiente de interação onde se encontram os sujeitos envolvidos com a página aqui em evidência.

O sociólogo ressalta que, para que as relações sociais formem capital social, são necessárias a institucionalização e a troca, "o reconhecimento de um mínimo de homogeneidade" (BOURDIEU, 2000, p. 150). Bourdieu explica que algumas pessoas têm mais "relacionamentos" ou "influências" do que outras. Na página analisada, percebemos que a fanpage consegue manter relacionamentos entre os membros reforçando os laços sociais. Assim, apesar das alegações de que o capital social é a capacidade do grupo em promover recursos que, no nosso objeto de estudo, seriam recursos simbólicos, também incide sobre a pessoa como sujeito do processo.

Para Ellison, Steinfeld e Lampe (2007), o Facebook disponibiliza aos atores o que eles denominam de "capital social de manutenção", ou seja, o face proporciona uma manutenção das conexões sociais já existentes. Acrescentam que as conexões são maximizadas com o objetivo de fortalecer os valores construídos na mídia social, permitindo, ainda, a emersão de outros valores. Sobre esse aspecto, Primo (2009 e 2011), solidifica a possibilidade de construção, através dessas conexões associativas, de valores interligados à fama e à popularidade do ator na rede.

O perfil da página estudada demonstra essas conexões associativas, correlacionando as publicações da fanpage à sua popularidade, às reações, compartilhamentos e comentários que gera através do bom humor sobre os fatos cotidianos, colocados de forma trágica. A página conta hoje com quase 3 milhões de curtidas, fala sobre amor e 'trouximos' de maneira descontraída, compartilhando frases do Twitter ou montagens e criações próprias (CATRACA LIVRE).

As mídias sociais "permitem aos atores criar e manter uma "identidade" que pode ser legitimada pelos demais, gerando ainda outros valores, tais como reputação e autoridade", ensina Recuero (2013, p. 6). Assim, existe um processo de identificação dos usuários que participam da página "Ajude o povo de humanas a fazer miçangas", a partir do momento em que utilizam a plataforma para interação e troca dos valores legitimados, como os fracassos e problemas do dia a dia.

Disrupções no Facebook

Facebook é uma rede social na qual seus participantes, comumente, apresentam-se positivamente, exibem-se. Viagens, restaurantes, bons relacionamentos, comentários positivos sobre o amigo em rede... fazem parte deste universo digital. Na contramão desta característica, estão algumas fanpages que apresentam um humor mais deprimido – cujo resultado é o cômico conseguido pelo recurso da ironia sobre si mesmo. E apesar de se ter perfis pessoais com odes a si mesmo, há nas fanpages, expressivas curtidas.

Uma das páginas mais curtidas é a ‘Ajuda o povo de humanas a fazer miçanga’ que tem em torno de 2.690.000 curtidas. A fanpage foi criada em 2015 por Dominique Vargas ou Nikki – como gosta de ser identificada -, para fugir de uma depressão após o término de um relacionamento. A dona da página é curitibana, atualmente cursa a faculdade de Direito após trocar de curso 7 vezes. As publicações têm temas variados, abordando inclusive as questões pessoais da dona da página. Nikki inicialmente criou um evento com este nome e que depois se tornou página no Facebook.

A página se apresenta assim,

Figura 1: Print da página Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

A foto do perfil não é de Dominique Vargas, e sim da personagem de uma matéria do SPTV, Milena que no dia da prova do Enem chegou atrasada e diz ter chegado após o horário porque o dia estava nublado e que, portanto não conseguiu perceber bem a hora. A menina então virou hit na internet com o tema “Milena se deu mal.”

Figura 2: Print da entrevista com Milena no SPTV



Fonte: Jovem Pan/ Radio Atividade

Nikki identifica a página como de autoajuda com humor. As postagens sempre têm bastantes reações, comentários e compartilhamentos. A página apresenta uma forte interação dos seguidores, que comumente seguem a ideia do bom humor ou de um humor mais deprimido.

Figura 3: Print de post da fanpage



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

Um exemplo desta depressão no humor está nesta postagem do dia 16 de julho de 2016, um print de @thateus que diz: ‘meus remédios’ e mostra a imagem de caixas de medicamentos cujos nomes são: força de vontade, ânimo, rumo na vida e atitude. Esta postagem teve 11 mil reações, pouco mais de 2 mil compartilhamentos e mais de 300 comentários.

Figura 4: Print de post da fanpage



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

Nos comentários, os usuários ingressaram na proposta de publicação e seguem o caráter dado à página.

Figura 5: Print de comentários da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

A partir deste objeto empírico é possível identificar que a midiatização afetou as práticas e as lógicas de interação nos dispositivos. Nas redes sociais digitais, por exemplo, são observadas estas lógicas nas quais são possíveis identificar algo entre a oferta discursiva e a leitura da recepção. Neste espaço se dá a circulação e é nela onde está a força desta desarticulação entre oferta e reconhecimento, destino dado pelo usuário. O que organiza tal desarticulação é a linguagem que constitui o trabalho de enunciação dos sujeitos. Em torno dela é possível marcar a diferença e criar novas codificações.

Além disso, percebemos também a existência de interações entre os atores que participam da fanpage, no sentido em que fazem comentários e trocam ideias a partir das postagens realizadas no perfil identitário. A circulação dessas informações contempla aproximação entre os sujeitos, inclusive no sentido de "pertencimento" a uma comunidade.

O Facebook é uma rede social digital cuja característica que impera quanto aos modos de apropriação de seus usuários é o 'dar-se a ver' quase sempre de modo positivo e sem grandes problemas ou questões existenciais. É inclusive observada certa polarização entre um eu e os meus – que são bons - e os outros e dos outros que não são bons, ao estilo grenal ou fla-flu existencial.

O dispositivo é compreendido como lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção e ao mesmo tempo passagem e meio (FERREIRA, 2014). O Facebook seria este local de inscrição e a linguagem, o processo que tensiona práticas x regras e códigos - e aí se apresenta a comunicação, fenômeno que transforma linguagens e todo o processo social (que também é linguagem).

Quando a página "Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga" posta uma mensagem, meme ou print de outra página ou usuário, por exemplo, que contém ironia sobre si mesmo, ela dá evidência deste tensionamento, fazendo chacota com a área de

humanas, especialmente. Neste espaço há outras regras que não as das páginas pessoais, lá, mesmo o mais vaidoso dos usuários, comumente, se integra à atmosfera proposta na fanpage, como revela esta postagem abaixo:

Figura 6: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

Nesse sentido entende-se que o sentido dado a este espaço de interação resulta de um ‘acordo invisível’ entre indivíduos socialmente organizados e em processo de interação. No entanto, o sentido do tipo e humor da página não é determinado apenas pelas formas da interação no Facebook, mas também é pelo conteúdo que apresenta e pelo seu valor, que afeta o seu conteúdo. O valor é o ‘rir de si mesmo’ compartilhando o fracasso, a derrota, unindo, ainda mais, os atores de interação.

Figura 7: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

Cada grupo social, dentro ou fora da rede, se apropria do sentido conforme seu índice de valor e diante da possibilidade de entrecruzamento deste índice de valor pode-se afirmar plurivalência, vivacidade e mobilidade dos sentidos, da linguagem. Então, entende-se que os sentidos não existem fora das relações sociais, estando dentro do tempo e da história. As relações sociais criadas dentro da rede, a partir da comunicação mediada através do Facebook, proporcionam o surgimento e a manutenção de um capital social, consolidando ainda mais as interações entre os atores,

Fortalecendo esse pensamento, a produção dos signos na rede está ligada à vida social e o discurso é uma produção gerada a partir dos signos. Texto produzido em um lugar específico que carrega as marcas das condições de produção. ‘As palavras, os signos, o pensamento são dotados de vínculos sociais; o discurso é a manifestação desses vínculos na comunicação’ (MARTINO, 2009, p.122).

Figura 8: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

A dinâmica do site do Facebook alguma vinculação se dá não somente no ‘curtir página’, mas também nas reações dos seguidores em cada postagem, nos comentários e nos compartilhamentos. No post @thigresco diz: ‘engraçado essa vida ontem eu tava triste e hoje também’, em um dos 199 comentários que obteve um perfil expõe: ‘engraçado essa vida! Dizem que o mundo dá voltas, mas eu tava triste em 97, quando me obrigaram a sair do útero, continuo triste em 2016 pelo mesmo motivo’

No print acima mais de 9 mil curtidas e mais de mil compartilhamentos. A postagem a seguir, do dia 08 de setembro, obteve 38 mil reações, mais de 18 mil compartilhamentos e quase 900 comentários.

Figura 9: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

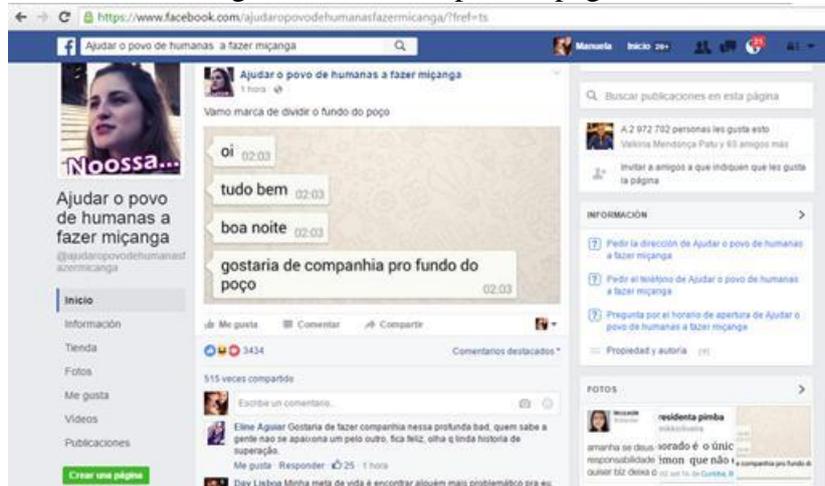
Além da dinâmica interna ao site, observa-se nas postagens o tom dos discursos da e na página. A do dia 08/09 mobilizou significativamente os seguidores da fanpage, uma vez que traz a marca do seu discurso de certa aceitação da própria situação, da condição na vida. O conteúdo do post – que diz: “muito bom você aceita seus defeitos porque aí as pessoas te xingam e você fica, "Ok, é isso mesmo mas e aí?"- possibilitou a reafirmação de seguidores, de modo a reunir a partir dele: reações, compartilhamentos e comentários. Nos comentários encontra-se comumente a confirmação do que está foi dito, de que aceitam a condição de serem como são.

Gerado a partir do signo, o discurso é o conjunto de pensamentos de uma sociedade resultante da relação entre signo e condições de produção específicas. Verón (op.cit.) afirma que para que algo seja designado como condição de produção de um discurso ou de um tipo de discurso, é preciso que tenha deixado rastros no discurso.

A página contém discurso na medida em que apresenta mensagens/ideias dos manifestantes. E é estratégia uma vez que consegue ser um espaço ‘diferente’ e de fuga uma vez que lá não é preciso o esforço de estar sempre bem. A fanpage atesta nova sensibilidade e abre perspectivas quanto à ressignificação dos modos de interagir no contexto do Facebook – espaço da vaidade.

A interação na página se dá, por exemplo, pelos convites para dividir o lamento, a atual condição, o momento não muito bom que se está passando. A postagem abaixo mostra isto.

Figura 10: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

A fanpage "Ajudar o povo de humanas a fazer miçangas" se configura como um espaço virtual onde os atores, ao sentirem-se próximos uns dos outros, através das postagens e dos laços sociais e dos interesses em comum legitimados, não tem medo de mostrarem-se como realmente são. Essa sensibilidade demonstra ser pouco utilizada nas redes sociais, uma vez que geralmente assumem um ambiente virtual de vaidade e de até narcisismo entre os participantes.

A fanpage estudada supera inclusive esse aspecto ao tocar temas que sensibilizam os seguidores, como, por exemplo, um fato social que abarca grande parte da população, sobretudo os jovens, quando se encontram desesperados e perdidos: o suicídio. Relata ainda a autora da página que pensou em cometer o suicídio anteriormente e que, por conhecer de perto esse problema, sente a necessidade de alertar os seguidores:

Figura 11: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

No entanto, a página analisada reconstrói esse sentido de vaidade, ao proporcionar publicações que mexem com os problemas e fracassos das pessoas, com a utilização de um humor que atrai olhares e significados aos atores. O humor desenvolvido pela fanpage é entendido como uma ferramenta que une ainda mais os atores, já que os temas dizem respeito a problemas enfrentados pelas pessoas no dia a dia e que são vistos, sentidos e compartilhados de maneira cômica.

Considerações de continuidade

A exposição das subjetividades em dispositivos interacionais e que recebem afetações da midiatização já são estudadas pelos psicólogos. Xavier (2015), por exemplo, em um artigo discute estas afetações nos dispositivos e suas repercussões nos saberes e práticas sociais contemporâneas. A autora aponta para a transformação da consulta nas interações ‘psi’ midiatizadas.

Além disto, são observados também perfis no Facebook no qual o administrador tem como objetivo compartilhar suas experiências pessoais com seus seguidores, como por exemplo: mães de prematuros que dividem suas angústias, dificuldades e vitórias cotidianas no desenvolvimento de sua criança, assim como registra seu crescimento. E não somente do Facebook e no Twitter, mas no Instagram também, por exemplo. É a exposição da subjetividade nas mídias sociais.

Figura 12: Print de post da página



Fonte: https://www.instagram.com/clarinha_summer/

Há formas variadas de expor as subjetividades no espaço da rede social digital. A página em estudo apresenta em seu conteúdo ideia de fracasso pessoal, profissional e social, fazendo-o de forma bem humorada e caricata, conseguida através do recurso do exagero do trágico resultando em algo entre o cômico e o patético.

Figura 13: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

Figura 14: Print de post da página



Fonte: facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga

O patético identifica-se no sofrimento exposto, publicado. A ênfase e o exagero do pensamento ou da ação, a caricatura. Uma representação malfeita da própria vida, uma ideia torta, tosca sobre si. A administradora da página atua a cada postagem parecendo representar-se sendo uma personagem dela mesma. Ao caracterizar as postagens desta forma a administradora da página não apenas formata do perfil da fanpage, mas dela própria.

Outras fanpages – além de perfis em outras mídias sociais, como o Twitter - trazem esta característica do cômico/patético sobre o próprio perfil. A DesiludindoS/A é um exemplo. A fanpage assim se apresenta: “Lembre-se: você é linda, inteligente, independente, engraçada, gostosa, ÚNICA e especial. Assim como todas as outras.”

Figura 15: Fanpage Desiludindo S/A



Fonte: https://www.facebook.com/Deixadesertrouxamulher/

A vaidade é condenada na tradição grega por ser um desequilíbrio e na tradição judaico-cristã por ser falta de atenção com o Criador. No entanto, atualmente a vaidade aparece como virtude a partir do culto ao individualismo e na ideia de crer-se único e especial. A humildade, ao contrário, um sentimento de derrota e não mais uma virtude. Necessário aprender a conviver com a vaidade, pois se suporta mais a perseguição do que ser ignorado. Viver é ser visto. No entanto a vaidade não é uma questão apenas destes tempos de midiatização. Um poema de Fernando Pessoa datado de 1944, indicava sobre a questão da vaidade. Chamado, Poema em linha reta, o autor diz:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo [...]

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos [...]

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

O que muda de Campos para os tempos mais atuais é que talvez a vaidade - sempre presente nas relações sociais - recebe agora as afetações da midiatização em dispositivos, como mais um espaço de sua manifestação. Como tais dispositivos permitem um controle maior sobre o espaço de atuação da vaidade, ela que atualmente recebe contornos de virtude, ganha uma profusão que se aproxima do vício – postar sempre, a cada ação minha, buscar ser curtida, provocar reações. E o contrário, também se observa, o humilíssimo, o rebaixado, o tosco atuam em perfis de rede social no qual seus curtidores e interlocutores vangloriam-se a partir desta condição que expõe de forma caricata.

Uma vez que exposta a condição de rebaixar-se em comparação implícita com os interlocutores da e na página, parece haver um capital social às avessas, quer dizer, a vaidade de quem melhor se humilha em rede. A vanglória pela exaltação da uma sub condição. Outra questão que a página evidencia é a aceitação desta condição e a chacota feita sobre a área de humanas é tomada como idiossincrática.

Há muito ainda a ser observado na página em destaque no texto e em outras de natureza próxima - em particular no tange as questões de circulação midiática e a



exposição de si. E como o item indica, o artigo não se encerra aqui, apresenta algumas questões provocadas nas autoras a partir deste primeiro exercício para o aprofundamento em estudo ulterior.

Referências

“Ajudar o Povo de Humanas a Fazer Miçanga” é, na verdade, um diário pessoal. E faz sucesso nas redes sociais. Disponível em: <<http://blog.jovempn.uol.com.br/radioatividade/2016/02/19/ajudar-o-povo-de-humanas-a-fazer-micanga-e-na-verdade-um-diario-pessoal-e-faz-sucesso-nas-redes-sociais/>> Acesso em: 18 de julho de 2016.

BOURDIEU, Pierre. El capital social: apuntes provisionales. En: HERREROS, Francisco y FRANCISCO, Andrés (comp.). **Capital Social, zona abierta**, n. 94-95, p. 89-104, 2001.

_____. **Cuestiones de sociología**. Madrid: Istmo, 2000.

BRAGA José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (orgs.). **10 perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo-RS: Ed. UNISINOS, 2013.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR, Jeder; JACKS, Nilda (organizadores). **Mediação & Mdiatização**, Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. In: **XX Encontro da Compós**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.

BRAGA, Adriana. **Personas materno eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CATRACA LIVRE. Página que brinca com 'o povo de humanas' foi saída para a depressão. Disponível em:< <https://catracalivre.com.br/geral/dica-digital/indicacao/pagina-que-brinca-com-o-povo-de-humanas-foi-saida-para-a-depressao/>> Acesso em: 12 de setembro de 2016.

Curitibana supera depressão ao criar fanpage “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga.” Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/bad-bad-server/curitibana-supera-depressao-ao-criar-fanpage-ajudar-o-povo-de-humanas-a-fazer-micanga/>> Acesso em: 17 de julho de 2016.

KARNAL, Leandro. Orgulho nosso de cada dia. Disponível em:< <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2014/09/08/orgulho-nosso-de-cada-dia-com-leandro-karnal-versao-tv-cultura/>> Acesso em: 13 de setembro de 2016.



MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PESSOA, Fernando. Poema em linha reta. Disponível em:<
<http://www.infoescola.com/literatura/poema-em-linha-reta-fernando-pessoa/>> Acesso em:
12 de setembro de 2016.

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça a face e a conversação em redes sociais na Internet.
In: Primo, Alex (Org.). **Interações em Rede.** 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-
70.

XAVIER, Monalisa. Mídiação das práticas “psi”: a transformação da consulta nos
dispositivos interacionais midiáticos. **Questões Transversais – Revista de
Epistemologias da Comunicação.** Vol. 3, nº 6, julho-dezembro/2015, p. 112-119.